

“Quod latet ignotum est: ignoti nulla cupido.”

Como saber o que é um filósofo? Ou um sábio? Um sofista? Um grande orador, um médico como Hipócrates? Claro que os historiadores de filosofia escolheram alguns pensadores como filósofos em detrimento de outros, e não nos explicaram claramente o porquê. Assentou-se, assim, o que denominamos e consideramos *filósofos*. No entanto, sabemos que tal denominação não é transparente, dependente da visão do que seja a filosofia para cada corrente de pensamento, e são muitas, ou para a nossa academia sob regras estatais. Não é tão simples dizer o que é um filósofo, daí o número sobre *Primeiros sábios, primeiros filósofos*, que a **Hypnos 26** escolhe como tema central. Os leitores não verão, neste número, estudos que contemplem reflexões de homens gregos antigos à margem daqueles designados pelos historiadores, que enfatizam alguns e deixam à sombra, outros. Talvez, no caso da Grécia Antiga, devamos ampliar nossos horizontes para pensar o que seja um filósofo, um sábio, um sofista, etc.

De qualquer modo, os nomes de filósofos presentes nos diversos artigos deste número são muito bem refletidos por pesquisadores sérios e de renome internacional e nacional. Talvez Fernando Santoro, com sua pergunta sobre filosofia e poesia arrisque aumentar o horizonte temático da **Hypnos 26** (*O que é um filósofo demasiado poeta?*). Gilda Naécia Maciel de Barros indica Solón com um sábio (seria ele um filósofo?) no seu texto *Sólón de Atenas – cidadania e Paidéia*. O pouco estudado Epimênides é matéria cuidadosa de G. Casertano, enquanto Marcelo Perine vai a Platão para perguntar algo anterior a este: *Quem são os inimigos de Philebo?* (*Fil. 44B6*). Na linha difícil de marcar - a Sofística -, Peter Simpson explicita o difícil tratado de Górgias em comparação com a escola parmenidiana. José Trindade, com um estudo sobre o poema de Parmênides ...das éguas que levam o homem que quer saber ..., firma o que pode ser um filósofo.

Outros bons estudos fazem parte deste número que continuará o tema central no segundo semestre (**Hypnos 27**): Barbara Botter investiga analiticamente a unidade do composto e a separação da forma em Aristóteles, e

VI Malena Tonelli debruça-se sobre *Pístis, dóxa y epistéme. Un análisis de la relación entre el Gorgias y el Menón*¹. Nas comunicações tem-se um estudo de André Braga sobre o *Sofista* de Platão (*Dificuldade e beleza em um parricídio que não há – Sof.*, 236e-237a), e Adriana Tabosa, influenciada por Jaeger, apresenta *Os conceitos de nobreza, riqueza e valor em Homero*. Há, ainda, uma resenha crítica de Francesca Pentassuglio sobre o excelente livro recém publicado de Livio Rossetti e A. Stravu, *Studies in Ancient Socratic Literature*. No mais, e como estamos fazendo nos últimos números, indicamos livros recebidos e/ou que merecem ser lidos.

Rachel Gazolla
Editora responsável

¹ “O que fica escondido é desconhecido: pelo que é desconhecido, não há desejo.” - Ovídio, *Ars amatoria*, 3, 397.